

## Dualidade

*Incrível como uma tragédia pode dividir opiniões, mas o massacre na Raul Brasil trouxe um minuto de silêncio, não era mais sobre ser direita ou esquerda. Era sobre como a violência nasce em cada um. Com tudo isso, tive o contratempo de que o longe é do meu lado, e que por isso, a violência se aproxima um pouco mais de mim, da minha cidade, do meu bairro, da minha casa... Gradativamente... Conversei com os vivos, e eles me apontaram vários motivos dessa cólera que atinge a pele: distúrbios psiquiátricos, bullying, carência afetiva..., mas um homem muito sábio me disse que ninguém aperta o gatilho, senão o atirador. Então veei pelos mortos e pela paz. Sim, aquela que tem procurado morada no coração imundo dos homens, desde que o mundo é mundo.*

*A sociedade tem medo, porque a violência rasga a carne, à pedra, à faca, a tiro, mas todo mundo esquece que a fome também é violência, mata mais que doença e tiro de fuzil. Esquecem que o preconceito mata a alma. E tudo isso afeta as classes A, B, C, D, Z, não importa, uma hora ela bate à sua porta e você não tem nada pra entregar, senão a sua vida. Tudo gera medo, e isso é material de qualidade para construir uma ponte para a qual o destino é a morte, a única forma de encontrar a paz dos homens. É difícil vestir a pele de homem e enfrentar a violência como rotina, assisti-la jantando com a gente, dormindo e nos matando um pouco todos os dias, e a gente tem que ter peito pra enfrentar isso e rezar ao Deus que serve, para que ela logo vá embora.*

## Mais um dia

*E toca o despertador. Abrir os olhos, levantar da cama, trocar de roupa e pegar a mochila. O café tá pronto. Bocejo. Vamos lá. Nas ruas, o cenário é de uma manhã comum. Risinhos, conversas, meninas de braços dados, alguns correm atrasados porque o portão já vai fechar.*

*Não é possível distinguir uma palavra sozinha em meio a tanta conversa. Corredores cheios de barulho, cheios de gente. Cheios de sonhos. Acho que todo jovem aluno sonha em ser alguma coisa. Tem uma matéria favorita, um professor que gosta mais, um melhor amigo que senta na carteira ao lado. As memórias são quase as mesmas para todo mundo. Quase as mesmas. Toca o sinal, todos correndo pra sala. Te vejo no intervalo, tá? O professor já chegou.*

*O barulho inconfundível do giz na lousa faz metade do pessoal prestar atenção. A outra metade ainda tá chegando e se acomodando. Esse lugar aqui eu tô guardando pra minha amiga. Cadernos na mesa, bolsas no chão... “Por favor,*

*prestem atenção!” E o conteúdo é ditado. Quem terminar, pode sair. O sinal do intervalo toca, e todo mundo levantando. Ninguém precisa correr, dá tempo. O pátio é logo ali. Espera. O sinal já tocou. Que barulho é esse?*

*Tá todo mundo assustado. Aquilo ali é sangue? As portas das salas estão sendo fechadas. Não, estão sendo batidas! Reconheço vários rostos, alguns estão chorando. Alguns estão gritando. Alguns não estão mais. Mais... tiros? Isso é tiro. Isso é tiro! Eu preciso correr, mas não sei pra onde. Ouço alguém gritar que é pra sair dali. Um mar de gente passa por mim e me leva junto. Tem muita gente aqui do lado de fora. Muitas mães esperando os filhos saírem também, com lágrimas nos olhos, de braços abertos. Tem muita gente aqui do lado de fora. Mas algumas ficaram do lado de dentro. Tem mãe que vai esperar pra sempre.*

*Cada rosa jogada, representa um sonho. Um futuro. Uma vida. Era pra ser só mais um dia.*